

Das armas ao amor: aventura e transformação pessoal no *Erec e Enide* de Chrétien de Troyes

Sínval Carlos Mello Gonçalves

Doutor em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e

Pós-Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)

Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

sinvalgoncalves@uol.com.br

Data de Recebimento: 30/05/2014

Data de aceite: 02/09/2014

Resumo:

De maneira sintética, e priorizando a segunda parte da narrativa de Erec et Enide, de Chrétien de Troyes, este artigo tem objetivo evidenciar como o percurso de seu protagonista pode ser visto como um processo de transformação e aperfeiçoamento pessoal. A narrativa deste processo de transformação, por sua vez, pode ser vista como uma expressão do ideal cortês de união das virtudes da cavalaria e do sentimento amoroso, sendo este necessariamente conduzido para a realização conjugal.

Palavras-chave: aventura; cavalaria; amor; identidade.

Abstract:

In a summary way, and prioritizing the second part of the story of Erec et Enide, Chrétien de Troyes, this paper has aimed to show how the path of its protagonist can be seen as a process of transformation and personal development. The narrative of this transformation process, in turn, can be seen as an expression of courtly ideal of uniting the virtues of chivalry and loving feeling, the latter being necessarily carried out to marital fulfilment.

Keywords: adventure; chivalry; love; identity.

Erec dormia. Não, não dormia, estava naquele momento do despertar em que o mundo é apenas uma lembrança distante, que lentamente começa a tomar forma através das imagens familiares dos objetos que nos rodeiam, dos ruídos que entram pela janela, do corpo entorpecido que precisa distender-se para voltar a funcionar. Erec, então, não estava completamente adormecido quando sua mulher, Enide, enunciou as palavras fatais, fazendo eco ao que todos diziam na corte:¹

<i>(...) "Lasse, con mar m'esmui</i>	(..) Lástima! Fui infeliz ao deixar	v. 2501
<i>De mon país! Que ving ça querre?</i>	Minha terra! O que vim buscar aqui?	
<i>Bien me devoit sorbir la terre,</i>	Bem deveria me engolir a terra	
<i>Quant toz li mieudres chevaliers,</i>	Pois, o melhor dos cavaleiros,	
<i>Li plus hardiz et li plus fiers,</i>	O mais ousado e o mais bravo,	
<i>Li plus beax, li plus cortois</i>	O mais belo e o mais cortês,	
<i>Qui onques fust ne cuens ne rois,</i>	Melhor do que condes e reis,	
<i>A de tout en tout relinque</i>	Abandonou completamente,	
<i>Por moi tote chevalerie.</i>	Por mim, toda cavalaria.	
<i>Donques l'ai je honi por voir;</i>	É certo que lhe desonrei;	
<i>Ne vousisse por nul avoir."</i>	Coisa que jamais desejei.	

Apesar de não estar ainda completamente desperto Erec ouviu as palavras ditas por sua mulher. Surpreendida em seu desabafo, Enide termina por falar mais, agora sob a pressão de Erec, que quer ouvir tudo que estão dizendo a seu respeito. Agora, ele já está completamente desperto. E Enide fala. Fala muito. Diz de novo o que todos diziam no reino e Erec, estranhamente, não ouvia. Diz, por fim, que se sente culpada por ele ter abandonado as armas, perdido seu valor e manchado sua imagem de cavaleiro. Exasperado pelo que acabou de ouvir Erec diz para Enide colocar sua melhor túnica e selar seu melhor cavalo enquanto ele, por sua conta, começou imediatamente a armar-se e em seguida, ordenou a um servo que avisasse a todos na corte que partiria numa viagem

¹ Todos os versos citados neste texto serão retirados da edição estabelecida por Jean-Marie Fritz para a coleção *Lettres Gothiques*. As traduções foram feitas por mim e não tiveram a pretensão de seguir os esquemas rítmicos e rítmicos do texto estabelecido pelo editor.

com sua esposa. Antes da partida, ele voltou-se para ela e disse-lhe que durante o trajeto ela deveria permanecer em silêncio, e só dirigir-lhe a palavra com a sua permissão.

O incidente relatado nos parágrafos anteriores desencadeiam a segunda parte da narrativa de Erec e Enide e transcorreram na corte do pai de protagonista, o rei Lac. O encontro entre os dois jovens é narrado na parte anterior, quando Erec ainda vivia na corte do rei Arthur e, certo dia, ao destacar-se do grupo que partira para a caça do cervo branco, sob a instigação do rei que pretendia reviver um costume imemorial. A atitude do rei suscitara uma viva reação de Galwain, temeroso pelos distúrbios eventualmente provocados por essa tradição, pois, ao fim da caça, aquele que houvesse tido sucesso deveria escolher a mais bela, dentre as mulheres da corte, para ser beijada, o que normalmente causava uma disputa acirrada entre os cavaleiros, desejosos de ostentarem a sua dama como a mais bela e nobre da corte.

Enquanto cavalgavam juntos, Erec, a rainha e sua ama, os três foram subitamente surpreendidos por um cavaleiro, acompanhado por uma mulher e um anão. Além de não responder à pergunta da rainha, que desejava saber quem era ele, o cavaleiro ainda ordenou que seu anão agredisse a ama, tudo isso aos olhos de Erec, que acompanhava impotente e indignado a cena, visto que estava sem as suas armas.

Decidido a vingar a desonra da rainha, Erec seguiu este cavaleiro até uma cidade agitada por intenso movimento de pessoas tendo recebido, nesta cidade, a hospitalidade de um vavassalo empobrecido que o hospedou e que esclareceu-lhe o motivo da agitação que o surpreendera: a proximidade de uma festa tradicional e popular, cujo ponto alto era a disputa em torno de um gavião colocado no alto de um poste de prata, o qual deveria ser reivindicado pelo melhor cavaleiro para sua mulher. Erec, encantado pela beleza da filha do vavassalo, pediu permissão ao pai da jovem para combater como cavaleiro dela, ocasião em que defrontou-se e derrotou, justamente, o cavaleiro que insultara a rainha.

Enquanto a aventura de Erec transcorria, a corte de Arthur ardia em meio às desavenças previstas por Galwain, pois, cada um dos cavaleiros da crote pretendia que sua mulher deveria ser a escolhida pelo rei, vitorioso na caça, para o beijo do cervo branco. Percebendo a impossibilidade de uma resolução imediata para o conflito Guinevere, a rainha, sugeriu que o rei adiasse a escolha até o retorno de Erec. Quando este voltou, já acompanhado por Enide, ninguém duvidou de que esta deveria ser a escolhida para o beijo. Em seguida foram iniciados os preparativos que culminariam com

o casamento dos dois, celebrado por um torneio em que Erec foi o vencedor e seguido pelo retorno do casal para o reino de Lac, o pai de Erec.

O retorno de Erec para a corte de seu pai é assinalado no interior mesmo da narrativa, como um ponto de inflexão em seu desenvolvimento: *Ci fine li premerains vers*. (Aqui terminam os primeiros versos, v. 1840). Este corte introduzido pelo narrador explicita uma bipartição da narrativa, cujos sentidos podem ser sinteticamente apreendidos a partir da observação seguinte:

No Erec e no Cavaleiro do Leão (Yvain), as aventuras dos heróis cavaleirescos seguem um padrão similar brevemente sumarizado. Um problema inicial ou uma falta lança o herói numa busca, a qual é realizada numa série de episódios. O sucesso do herói é celebrado por seu casamento com sua amada, descoberta e conquistada como consequência de sua proeza. Porém, uma crise logo interrompe sua felicidade. Seu sucesso nestas provas ulteriores estabelece um novo nível de extraordinárias façanhas e culmina com a celebração do triunfo do herói.²

Seria importante acrescentar a essa descrição sintética do padrão narrativo utilizado por Chrétien de Troyes que, após a aventura inicial, onde o herói é motivado por uma “falta ou um problema” de ordem geral, cujos desdobramentos interessam diretamente ao reino, a motivação de sua aventura subsequente será de natureza estritamente pessoal, relacionada exclusivamente ao seu encontro amoroso, mesmo que seus resultados continuem a repercutir sobre o ordenamento o reino e a corte de Arthur. A formulação romanesca do ideal cortês feita por Chrétien de Troyes consistirá, portanto, na união da entre a cavalaria e o amor, ambos inseparáveis por sua vez da transformação experimentada por seu protagonista durante sua aventura. Continuaremos, a partir deste instante, a seguir o fio da narrativa, considerando a mudança de qualidade imposta à trajetória de seu protagonista em virtude da irrupção do sentimento amoroso.

II. Do amor

Erec e Enide iniciam sua viagem. Enide cavalga na frente e Erec segue-a de longe. Não falam um com o outro, apenas cavalgam sem rumo definido. Mas, na primeira curva da estrada, três cavaleiros saem da floresta e, atraídos pela beleza de Enide, pelo luxo de suas roupas e pela excelência de seu cavalo, decidem assaltá-la, imaginando que ela e

² (BRUCKNER, 2000: 23)

Erec seriam presas fáceis. Como sabemos, Enide fora proibida de falar e Erec cavalgava bem atrás, imerso em seus pensamentos e sem saber o que se passava. Enide, quando vê os três cavaleiros, teme por sua sorte, hesita desobedecer Erec, mas por fim o alerta. Erec enfrenta e vence os três salteadores, mas apesar do aviso dado por sua mulher ter sido fundamental para a salvação dos dois, volta-se furioso para ela e renova as ameaças feitas antes da partida.

A mesma seqüência de atos, concluída pela incompreensível reação de Erec, irá repetir-se logo a seguir, quando cinco cavaleiros atacarem novamente o casal. Depois disso, já no final do dia, cansados dos dois combates e da viagem, os amantes resolvem passar a noite na floresta, ocasião em que Enide permanecerá acordada, vigiando enquanto Erec dorme. No dia seguinte, os dois seguem para um burgo, cujo conde, apaixonado por Enide, concebe um plano para matar Erec e tomá-la para si. O fracasso do plano dever-se-á à astúcia de Enide, que enganará o conde e conseguirá tempo suficiente para novamente alertar Erec do perigo.

A partir desse momento é possível perceber que os obstáculos encontrados por Erec estão dispostos de maneira hierárquica, correspondendo a progressiva elevação da posição social de seus oponentes com o aumento do grau de dificuldades enfrentado por ele nos combates e com a própria natureza destes. Observe-se, a este respeito, a forma de agir dos seus oponentes: nos dois primeiros incidentes, os cavaleiros agem como simples bandidos de estrada, que pretendem roubá-lo, atacando-o em bando e sem aviso. No caso do conde, não haverá um assalto aberto, mas ele conceberá um plano para assassinar Erec e apoderar-se de Enide. Diferentemente, no entanto, dos dois grupos de salteadores, ao ser derrotado num combate singular, admitirá que agiu de maneira incorreta e deixará que Erec parta em paz com sua mulher. A passagem entre os dois níveis pode ser assinalada, ainda, pelo espaço dos combates – os salteadores atacaram-nos na floresta – e por uma espécie de interlúdio, quando ainda antes de entrarem no burgo do conde, os dois serão recebidos num prado por um escudeiro deste, que lhes servirá uma refeição simples, porém, de acordo com os hábitos cortesês, marca de seu retorno, ainda que transitório, ao mundo das cortes.³

³ Para uma análise detalhada do uso desses códigos: LE GOFF, 1994: 207-226) Jacques.

De acordo com esse ordenamento hierárquico da narrativa, o próximo adversário de Erec será um rei, Guivret, *le Petit*. Depois de uma luta renhida com Guivret, a qual durou muitas horas, e concluiu-se por sua rendição, uma pergunta feita por ele a Erec assinalará uma viragem significativa na aventura de nosso herói: Diz-me quem és e qual é o teu nome/Que eu te direi o meu. (*Vostre estre et vostre nom me dites,/ Et je vos redirai le mien*. V. 3858). A interrogação do cavaleiro vencido revela uma necessidade de identificação recorrente em todas as narrativas de Chrétien de Troyes, algumas vezes para assegurar a nobreza de linhagem dos personagens, outras, para guardar a memória de seus atos de bravura.⁴ Feita ao fim de alguns confrontos, no entanto, ela parece restabelecer ou marcar a posição dos personagens, restaurando um equilíbrio ausente durante o combate, ao instaurar uma relação hierárquica entre o vencido e o vencedor. Já nos episódios anteriores, com os cavaleiros salteadores e o conde, quando nenhuma relação ulterior foi estabelecida, nenhuma questão relativa aos nomes irá aflorar. Em outras situações, ao contrário, a identidade do cavaleiro permanecerá ignorada ou será deliberadamente ocultada, o que revela a importância do ato de nomear.

Mas, para que possamos apreender o sentido da viragem, que acredito poder discernir nas aventuras de Erec a partir do episódio de sua luta com Guivret, devemos recordar o incidente que originou essas aventuras vividas por Erec: as palavras ditas por sua mulher, Enide.

A atenção que somos levados a conceder à estas palavras é sugerida por um elemento constante, que parece ecoar o sentido das palavras que provocaram a partida dos dois. Este elemento é o comportamento de Erec, que desde o instante da partida age como se estivesse adormecido e está sempre perdido em seus pensamentos, impressão confirmada pelas palavras do próprio narrador, ao contar o episódio dos cinco assaltantes: “Erec os vê, mas sua expressão/De novo é de quem nada viu”. (*Erec le vit et semblant fist/Qu’encor garde ne s’en preïst* – V. 2957). Mais reveladores ainda são os versos em que Enide, ao ver Guivret vindo na direção de Erec, diz para si mesma: “Eu bem vejo que

⁴ Recorrência que não devia ser estranha aos imperativos de uma sociedade aristocrática, como foi a medieval, onde os vínculos de sangue para além das eventuais ascensões de grupos novos (como foi o caso da cavalaria a partir do ano mil), era fator decisivo para o reconhecimento e a transmissão da condição social.

o meu senhor/Pensa tanto que se esquece de si”. (*Je voi bien que mes sire pense/Tant que soi meïsmes oblie* – V. 3758).

Tanto no episódio do conde, como no episódio de seu combate com Guivret, encontraremos o mesmo padrão: Erec está alheio à situação e é despertado, no último momento, por Enide. Padrão que parece replicar exatamente o incidente que originou sua partida, as palavras proferidas por Enide enquanto ele despertava de seu sono. Creio residir justamente aí, nesse torpor em que ele parece estar aprisionado - e do qual Enide com as suas palavras tenta, a cada instante, despertá-lo, ainda que contra sua vontade - uma das chaves do enigma de sua aventura.

Depois do combate com Guivret, *le Petit*, há outro interlúdio nas aventuras de Erec, agora um pouco mais longo do que o anterior. Muito ferido, ele cavalga em direção aos bosques e encontra Keu, senescal de Arthur, que naquele momento encontrava-se na floresta com toda sua corte. Keu não reconhece Erec e pergunta: “Cavaleiro, diz ele, eu quero saber/Quem és e de onde vens.” (*Chevaliers, fait il, savoir vuil/Qui vos estes et donc venez* – V. 3984)⁵. Erec não responde as perguntas, e Keu, ao vê-lo muito ferido, convida-o para ir até o acampamento de Arthur, onde poderia tratar-se, e sua veemente recusa apenas reitera as possibilidades de sentido contidas naquela dinâmica de revelação e encobrimento da identidade do protagonista. Aqui, a identidade ocultada pelo herói corresponde a uma situação de trânsito, de passagem, em que algo ainda espera por ser resolvido, mesmo que ele próprio não o saiba como resolver. O que ele sabe, com a maior clareza, é a necessidade de prosseguir sua viagem, como podemos observar através de sua resposta ao convite de Keu:

(...) "*Vos dites bien,
Mais n'iroie por nule rien.
Ne savez mie mon besoing,
Encor m'estuet aler mout loing.*

“ (...) Tens razão v. 4005
Mas não irei por nada no mundo.
Tu não sabes que eu preciso,
Ir ainda bem mais longe.

⁵ Para a tradução, e de acordo com a tradução para o francês moderno feita pelo editor, segui a versão do manuscrito B. N. Fr. 796 que corrige o *donc* do manuscrito de base dessa edição (B. N. Fr. 1376) por *d'ou*.

*Laissiez m'aler, que trop demor;
Encor i a assez dou jor*” Me deixe ir, que já tardo;
Ainda me falta muito.”

Porém, um pouco depois Erec será alcançado por Gauvain, que também não o reconhecerá, mas ao ver seu corpo coberto de feridas tentará conduzi-lo para o lugar em que Arthur está com sua corte. Contrariado com as tentativas de Gauvain de retê-lo e atrasar sua partida, Erec reagirá com impaciência e, novamente, exprimirá sua necessidade de continuar viajando:

<i>(...) "Je alai ier</i>	<i>(...) Eu andei, ontem, v.4130</i>
<i>Mout plus que je ne ferai hui.</i>	<i>Muito mais do que farei hoje.</i>
<i>Sire, vos me faites ennui;</i>	<i>Senhor, tu me atrapalhas;</i>
<i>Laissiez m'aler: de ma jornee</i>	<i>Me deixa partir: de meu caminho</i>
<i>M'avez grant masse destorbee</i> ”	<i>Já me desviastes muito.</i>

No entanto, Galvain conseguirá habilmente prolongar a conversa e conduzir Erec, sem que este o perceba, até o acampamento de Arthur, momento em que finalmente será revelada sua verdadeira identidade. Assim, a alternância entre a revelação e o ocultamento da identidade do personagem, longe de ser algo aleatório, parece um artifício destinado a marcar os contornos ainda indefinidos da aventura do cavaleiro durante sua aventura, que, permanecendo inconclusa, deixa em suspenso qualquer tentativa de permanência e fixação de sua identidade.

O fato de Erec ocultar e depois revelar seu nome justamente nos breves momentos em que passará junto à corte de Arthur, além de reafirmar o caráter ainda inconcluso de sua aventura, faz-nos ver como a maior ou menor proximidade do mundo das cortes está intrinsecamente ligado à constituição de sua identidade. Aqui, o próprio lugar de encontro parece refletir este movimento: acampada às margens da floresta, a corte de Arthur também estava deslocada de seu centro, refletindo assim a condição e o estado de Erec.⁶

Por essa razão, não é estranho que já no dia seguinte, apesar dos insistentes pedidos de todos, em particular do rei, e apesar de ainda encontrar-se debilitado pelas feridas mal curadas, Erec tenha novamente decidido partir. Em suas palavras,

⁶ A seguir, depois de sua próxima aventura, Erec, recusando-se a revelar seu nome para o cavaleiro que irá salvar, o enviará para Arthur, cuja corte, ele diz, estava na floresta, na caça ao cervo. Podemos supor que a mesma situação de disputa, que vimos ser desencadeada por esse costume, havia novamente recomeçado, gerando uma nova situação de instabilidade na corte?

encontramos uma vez mais a expressão da necessidade que o impele a viajar para um destino ainda desconhecido:

(...) " <i>Beau[s] sire, je n'ai mie</i>	(...) "Bom senhor, não há	v.4234
<i>Plaie de qoi je tant me duille,</i>	Ferida que doa tanto	
<i>Por qoi ma voie lessier vuille.</i>	A ponto de eu deixar minha via.	
<i>Retenir ne me porroit nuns;</i>	Ninguém poderá me deter.	
<i>Demain, ja ne tardera plus,</i>	Amanhã, já não tarda muito,	
<i>M'en voudrai par matin aler,</i>	Eu sairei daqui bem cedo,	
<i>Des que le jor verrai lever."</i>	Assim que o dia nascer."	

A partida de Erec da corte de Arthur pode ser vista como uma imagem duplicada de sua saída da corte de seu pai. A mesma relação entre viagem, aventura e desconhecido já havia aparecido ali, no início de sua trajetória: “Erec parte com sua mulher/Não sabe para onde, em aventura.” (*Erec s'en va, sa fame en moinne,/Ne set quel part, en aventure* – V. 2762). Mas há, ainda, nas duas partidas, uma reação recorrente e consoante com a ligação entre aqueles três elementos: uma dor antecipada pelo seu destino, motivada pelos temores que sua partida solitária suscita em todos e manifestada por uma espécie de antevisão de sua morte próxima. Na ocasião de sua primeira partida não é outra a reação dos cortesãos e do povo do reino de seu pai:

<i>Dames et chevalier ploroient,</i>	<i>Cavaleiros e damas choram,</i>	v.2741
<i>Por li mout grant demenoient:</i>	Mostrando imensa dor por ele:	
<i>N'i a un soul qui duel ne face,</i>	Não há quem não tenha dó,	
<i>Maint se pasmerent en la place.</i>	Muitos caem ali mesmo.	
<i>Plorant le baisent et acolent,</i>	Em pranto, dão-lhe beijos e abraços,	
<i>A poul que de duel ne s'afolent.</i>	Quase loucos de dor.	
<i>Ne cuit que plus grant duel feïssent,</i>	Creio que não sofreriam mais	
<i>Se mort ou navré le veïssent.</i>	Se o vissem morto ou ferido.	

O mesmo tom dominará sua última conversa com Arthur, quando ele novamente recusará permanecer junto à sua corte, apesar dos ferimentos ainda abertos e dos insistentes pedidos de todos. Eis o que Arthur lhe dirá:

(...) " <i>Ci a mout grant meschief,</i>	(...) "É uma grande lástima	v.4242
<i>Quant vos remenoir ne volez;</i>	Que não queiras ficar;	
<i>Je sai bien que mout vos dolez.</i>	Bem sei que sofres muito.	
<i>Remenez, si feroiz que sages;</i>	Fica, é mais sábio isso:	
<i>Mout iert granz duelx et granz damages,</i>	Trarás muitas dores e desgostos	
<i>Se en ceste forest morez.</i>	Se nesta floresta morreres.	
<i>Beax douz amis, car demorez</i>	Não vá, bom e belo amigo,	
<i>Tant que vos soiez repassez"</i>	Até que estejas curado"	

Esses lamentos devem ser compreendidos, em sua literalidade, à luz do que sabemos acerca dos perigos que espreitavam o caminho daqueles que viajavam sozinhos nesse tempo. Em sua transposição narrativa, eles amplificam e deixam explícitas e marcadas as distâncias entre a segurança das cortes e a incerteza que espreitava o viajante solitário, em seu percurso pontuado por longas incursões na floresta selvagem.⁷ Por outro lado, e já vimos a importância da relação de pertencimento dos cavaleiros a uma linhagem, ao longo do texto - garantias de seu pertencimento ao grupo que os identifica e acolhe -, o temor pela morte de Erec termina por não poder ser lido apenas em sua dimensão física. Mais do que isso, é inevitável que ele nos faça pensar naquela morte não menos real da perda de identidade social. Morte metafórica, por certo, mas apenas um pouco menos terrível e assustadora do que a outra, numa sociedade em que os laços pessoais e a relação com uma comunidade fixa e estável constituíam a tessitura mesmo da existência.⁸

Mas, apesar da insistência do rei, Erec continuará a viagem e em sua próxima aventura, depois da noite passada em companhia da corte de Arthur, ocorrerá uma significativa alteração no padrão dos acontecimentos: pela primeira vez, desde que saiu da corte de seu pai, o próprio Erec ouvirá o chamado à ação e não dependerá mais das palavras de Enide.

⁷ Sobre as representações medievais da floresta: (LE GOFF, 1994: 83-99) Jacques.

⁸ O exílio, nas leis bárbaras da Alta Idade Média, substituiu frequentemente a pena de morte, o que reforça a equivalência simbólica entre os dois. Para as relações entre exílio, exclusão e "morte social": (GEREMEK, 1989: 233-248).

Após uma longa cavalgada pelo interior da floresta, Erec ouvirá os gritos de socorro de uma jovem, cujo amante está em poder de dois gigantes, apresentados como representantes consumados da selvageria e do rebaixamento das qualidades humanas. A progressão hierárquica entrevista na primeira parte de suas aventuras ganhará aqui uma nova dimensão: depois de sua breve estadia junto à corte de Arthur, ela mesma numa situação de trânsito, na orla da floresta, ele regressará para as fronteiras da selvageria em seu combate com estes gigantes. Nesse confronto com o selvagem, a perda de identidade que parece espreitar Erec desde sua partida começa a tomar contornos bem definidos, sobretudo por sabermos ser a floresta o lugar em que a cortesia encontra seus limites e suas antípodas.

Quando encontra finalmente o cavaleiro, preso e amarrado pelos gigantes a uma árvore, a indignação de Erec diante do tratamento a ele dispensado manifesta-se, sobretudo, pelo horror de vê-lo despido, literalmente, de todas as suas marcas de identidade:

<i>"Seignor, fait il, por quel forfait Faites a cel home tel lait Que comme larron le menez?</i>	<i>"Senhores, por que delito v.4401 Este homem é tratado Como um criminoso?</i>
<i>Trop laidement le demenez:</i>	Seu estado é infame:
<i>Ausi le menez par semblant</i>	Quem o vê pensa
<i>Con s'il estoit repris emblant</i>	Que ele foi flagrado roubando.
<i>Granz vilté est de chevalier</i>	É um grande aviltamento
<i>Nu desvestir et puis lier</i>	Despir e amarrar um cavaleiro
<i>Et batre se vilainnemant."</i>	Para surrá-lo de forma tão vil."

De acordo com sua condição de selvagens, os gigantes, no pólo oposto ao mundo das cortes, enfrentarão Erec armados apenas com maças, armas primitivas e completamente alheias ao universo guerreiro da cavalaria. Apesar de derrotá-los no combate, Erec terminará a luta gravemente ferido, e sua situação se agravará ainda mais por ele ainda não ter se recuperado plenamente dos golpes sofridos em sua luta com Givret, *le Petit*: bem ao contrário, o calor e o peso da armadura haviam rasgado seus curativos e aberto seus ferimentos novamente, que voltaram a sangrar. No instante de seu

reencontro com Enide, já não suportando mais a dor, tomba do cavalo e cai como se estivesse morto, parecendo confirmar assim o que havia sido predito nas suas duas partidas das cortes. Enide desespera-se, e em seu lamento escuta-se algo revelador: “Com minhas palavras eu o matei.” (*Par ma parole je l’ai ocis* – V. 4619). Nos versos que continuarão esse lamento, marcado pelo sentimento de culpa, Enide repetirá diversas vezes a espécie de maldição que suas palavras fizeram pesar sobre Erec (Vs. 4620-4645).

Mas ainda não chegamos ao fim. Estendida sobre o corpo de Erec, que ela crê morto, Enide tira da bainha a espada de seu marido e, quando está prestes a tirar sua própria vida, a comitiva de um conde que passava por ali é atraída por seus lamentos e chega a tempo de evitar o pior. No entanto, esse conde, também acreditando que Erec estava morto, ordena que seus companheiros levem-no para ser enterrado em seu castelo e manifesta seu desejo de tomar Enide como sua mulher, o que a faz entregar-se, com maior intensidade ainda, à dor e ao desespero. Já no castelo de *Limors*,⁹ os acontecimentos precipitam-se: quando tudo já estava preparado para que o conde desposasse Enide, Erec volta a si, “Como um homem que desperta” (*Ausi com li hons qui s’esveille* – V. 4849). Há um grande tumulto nesse momento e Erec rapidamente corta a cabeça do conde, movido pela cólera e pelo “(...) amor que por sua mulher nutria.” ((...) *amor[s] qu’a as fame avoit* – V. 4857). Os gritos que se pode ouvir por todo o palácio uma vez mais revelam, em sua literalidade, possibilidades de sentido que lhes ultrapassam: “Fujam! Fujam! Lá vem a morte!” (“*Fuiez! Fuiez! Vez ci la mort!*”- V. 4872).

Ao tomarem novamente o caminho da floresta, o amor de um pelo outro é reiterado e Erec, enfim, perdoará as palavras “mal ditas” por Enide, as mesmas palavras, que, paradoxalmente, e ainda que ele não o veja com clareza, salvaram-no do seu estado anterior:

<i>Et se vos m’avez rien mesdite,</i>	E se tu me maldisseste	v.4923
<i>Je le vos pardoing et claim quite</i>	Eu te perdôo e considero pagas	
<i>Et le forfait el la parole.</i>	A palavra e o maldito.	

⁹ Jean-Marie Fritz chama atenção para o fato de que o nome do castelo desse misterioso conde, o castelo de *Limors*, pode ser lido como *Le Mort*, A Morte, sugestão bastante significativa.

O perdão de Erec leva-nos a crer que ele estivesse, durante toda sua aventura, simplesmente colocando à prova o amor de sua mulher e obrigando-a a reconhecer seu valor guerreiro. Ou que ele, abalado por elas, estivesse querendo provar a si mesmo. De qualquer modo, ainda que possamos compreendê-las à luz do que sabemos sobre a desconfiança profunda sentida por toda Idade Média em relação às mulheres, as palavras de Erec parecem desdizer-se e, em sua incoerência, apontar ironicamente os limites desse sentimento, pois ele foi efetivamente acordado pelas palavras de Enide. No entanto, é preciso ainda lê-las do ponto de vista da construção narrativa: Erec perdoou sua mulher e pensa ter encerrado e compreendido o sentido de sua aventura, sem saber que a prova mais perigosa e espetacular de sua viagem ainda estava por acontecer. Por essa razão, talvez, seu sentido ainda não possa ser dito e tido por concluído.

Na sequência desses acontecimentos, os episódios posteriores parecem esboçar um círculo que principia por conduzir o casal de volta ao seu princípio. Assim, ao seguirem pelo caminho da floresta, já perfeitamente reconciliados, Erec e Enide reencontrarão o rei Guivret, que tendo ouvir falar de um cavaleiro morto levado para a corte do conde de *Limors*, que ele imagina acertadamente ser o nosso protagonista, partira com um grande séquito guerreiro para resgatá-lo. Ao ver de longe o enorme séquito e não reconhecer seu antigo oponente devido à escuridão da noite na floresta, Erec, numa atitude que assinala claramente seu “retorno para si mesmo”, toma a iniciativa das ações e diz a Enide que desmonte e se esconda à margem do caminho. Guivret, que também não o havia reconhecido, parte em sua direção com a lança em posição de ataque e o golpeia fortemente. Esgotado pelos ferimentos de suas muitas lutas Erec não consegue opor grande resistência e cai desfalecido. Nesse instante Enide sai de seu esconderijo e Guivret ao vê-la, diz que não pretende fazer nenhum mal aos dois e pergunta o nome do cavaleiro caído. Como se estivesse confirmando o “retorno” de seu marido, e confirmando aquela dinâmica de revelação e ocultamento anteriormente mencionada, o nome de Erec é dito e Guivret reconhece o engano. Em seguida ele os convidará ao seu palácio, onde comerão juntos e passarão a noite. No dia seguinte todos partem para um castelo onde vivem duas irmãs suas, que cuidarão dos ferimentos de Erec. Finalmente curado ele decide partir ao encontro da corte de Arthur e para o reino de seu pai. Essa viagem será realizada juntamente com Guivret e seus companheiros, o que a coloca sob

uma luz bem distinta daquela realizada solitariamente por ele e por sua mulher, o que novamente faz-nos atentar para a direção da narrativa para seu ponto de partida.

Num dia, já na viagem de volta para a corte de Arthur, o grupo passou diante de uma bela cidade murada, cuja descrição de sua quase mágica inexpugnabilidade, feita por Guivret, despertou uma forte curiosidade em Erec, que expressou sua vontade de conhecê-la. O alerta feito por seu companheiro acerca de uma situação perigosa¹⁰ - designada como uma “aventura” e conhecida pelo nome de “Alegria da Corte” (*Joie de la Cour*) - apenas aguçou ainda mais o desejo de Erec:

- Dex! en joie n'a se bien non, Fait Erec; ce vois je querant. (...)	- Deus! Não há senão bem na alegria, Diz Erec; é isso que eu procuro. (...)	v. 5458
Riens ne me porroit retenir Que je n'aille querre la Joie.	Nada poderá impedir Minha busca da alegria.	v. 5464

Atendendo, então, aos seus apelos insistentes, Guivret concorda em fazer uma parada na cidade, a despeito do temor de Enide. Quando o cortejo entra, os habitantes ficam vivamente impressionados pelo porte e pela beleza de Erec, admiração que apenas intensifica sua tristeza, por saberem que aquele cavaleiro, como tantos outros, estava ali para enfrentar uma aventura em que ninguém, até aquele dia, escapara com vida.

Depois de terem sido recebidos e alojados pelo rei, Erec manifesta a ele seu desejo de confrontar a perigosa aventura que havia na cidade. Apesar das tentativas do rei para demovê-lo de seu intento, Erec reafirma sua decisão e, na manhã do dia seguinte, os dois séquitos dirigem-se para o lugar em que a aventura deveria ocorrer, um vergel situado nos arredores da cidade. A descrição do vergel remete a um dos *topoi* identificados por Ernest Curtius em seu monumental estudo da literatura medieval,¹¹ o dos bosques edênicos: pomares que dão frutas o ano inteiro, pássaros de belos cantos, abundância de

¹⁰ Literalmente “*mal pas*” (v. 5414), uma passagem má, expressão que remete para a atmosfera do que poderíamos perfeitamente designar com a expressão de maravilhoso, e que entrevemos desde o momento inicial da descrição do castelo.

¹¹ (CURTIUS, 1996: 241-261)

plantas e raízes curativas e, confirmando tratar-se de um lugar da ordem do maravilhoso, um muro invisível, porém, mais forte do que o ferro, através do qual apenas voando se poderia passar.¹² É na estreita entrada desse vergel que Erec despede-se de todos e, em especial, de Enide, que desde o princípio do episódio permanece desesperada e atemorizada pela iminência da perda de seu marido.

Depois de uma rápida caminhada, Erec vislumbra uma linda moça deitada à sombra de um sicômoro sobre uma cama de prata. Antes mesmo de poder dirigir a palavra a ela, um cavaleiro apresenta-se e desafia-o para um combate. Depois de uma luta tão violenta e longa quanto aquela com Guivret, *Le Petit*, Erec triunfa e, confirmando o padrão que já observamos, é solicitado por seu oponente a dizer seu nome, o que ele concorda em fazer desde que o outro faça o mesmo e, que revele que Alegria é essa que deu seu nome à aventura.

Mabonagrain é o nome do cavaleiro vencido por Erec. Segundo ele, desde muito tempo, antes ainda de ser armado cavaleiro, ele e sua amiga conheceram-se e apaixonaram-se. Um dia ela pediu-lhe a promessa de um dom, que seria revelado numa ocasião futura, o que aconteceu no dia em que ele foi armado cavaleiro: os dois deveriam viver sozinhos naquele vergel encantado, até que um cavaleiro conseguisse vencê-lo em armas. Mabonagrain, portanto, estava aprisionado por sua promessa, infeliz, porém, temeroso de perder sua amada e fiel ao seu dever de cavaleiro, permanecendo ali por todo aquele tempo, enfrentando e vencendo todos os que ousaram combatê-lo. Ao vencê-lo, Erec o libertou e trouxe de volta a alegria ao Reino de Evrain, daí a origem do nome da aventura:

<i>Mout avez en grant joie mise</i>	Vai ficar muito alegre v. 6110
<i>La cort mon oncle et mes amis,</i>	A corte de meu tio e de meus amigos,
<i>Qu'or serai fors de ceanz mis;</i>	Por que sairei desse lugar agora;
<i>Et por ce que joie en avront</i>	E pela alegria que terão
<i>Tuit cil qui a la cort seront,</i>	Todos os que estiverem na corte,
<i>Joie de la Cout l'apeloient</i>	Alegria da Corte é como a chamam.

¹² *Par nigromance clos li jars* (Por magia fecha o jardim. - V. 5734). O maravilhoso, aqui, é, portanto, da ordem da magia.

Aqui, parecemos chegar quase ao fim do percurso de Erec. O paralelismo entre a situação de Mabonagrain e a situação anterior de Erec, ambos aprisionados pelo amor e ausentes do mundo das cortes, não deve ter passado despercebido ao leitor atento.

“Alegria da Corte”: o nome da aventura, por outro lado, exprime com precisão os efeitos causados por essa libertação, bem como o seu alcance coletivo. Mas, por isso mesmo, outro paralelo, agora com uma situação mais próxima, não deveria ser desprezada: em dois versos dedicados à descrição dos prazeres do casal após a reconciliação e o restabelecimento do herói, a mesma palavra é usada para qualificar o estado de Enide, feliz por desfrutar novamente das carícias de seu marido: "Ela agora tem sua alegria e seu prazer" (*Or ot sa joie et son deduit* – V. 5237); "Ela agora tem sua alegria e seu deleite" (*Or ot sa joie et son delit* – V. 5245).

Esse paralelo sugere, assim, a convergência entre o percurso pessoal de Erec e o restabelecimento da ordem global do mundo. A volta de Erec para a corte de Artur e, após a morte de seu pai sua entronização em seu reino, confirmarão a relação entre suas aventuras e a constituição de sua identidade, ambas dirigidas para a harmonização das virtudes guerreiras e do sentimento amoroso, cuja conciliação é vital para a “*joie de la cour*”.

Bibliografia

I. Edição

CHRÉTIEN DE TROYES. **Erec et Enide**. Edição e tradução para o francês moderno de Jean Marie Fritz. Paris: Librairie Générale Française, 1992.

II. Estudos mencionados

BRUCKNER, Matilda T. “The shape of romance in medieval France”, *In*: KRUEGER, Roberta L. KRUEGER, Matilda. **The Cambridge Companion To Medieval Romance**. Cambridge: Cambridge Press, 2000, pp. 13-28.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Trad. de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São. Paulo: EDUSP, 1996, pp. 241-261

GEREMEK, Bronislaw. “O Marginal”. *In*: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Trad. de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Gradiva, 1989, pp. 233-248.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Trad. de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.